

As bem-aventuranças de uma infância normal: amizade e psicanálise

The beatitudes of a normal childhood: friendship and psychoanalysis

Marcos Moura Oliveira*

Resumo

O presente trabalho traz uma proposta acerca de um manejo clínico baseado em Sándor Ferenczi. Primeiramente se faz uma associação entre o impossível de analisar, de Freud, com a elasticidade da técnica, iniciando-se a compreensão acerca de possibilitar ao paciente as bem-aventuranças da infância. Segue-se com uma distinção entre empatia e *furor sanandi*, necessária ao paralelismo entre relação analítica e amizade, vislumbrado por trechos do *Diário Clínico* de Ferenczi e de um recorte clínico nosso. Por fim, estabelecemos parâmetros para a compreensão do manejo em proximidade com aspectos da amizade a partir do contexto de análise e amizade entre Freud e Ferenczi.

Palavras-chave: Clínica psicanalítica. Transferência. Inscrição psíquica. Psicoterapia. Tratamento.

Abstract

This work presents a proposal for clinical management based on Sándor Ferenczi. Firstly, an association is made between Freud's impossible to analyze and the elasticity of the technique, beginning the understanding of enabling the patient to enjoy the bliss of childhood. It follows with a distinction between empathy and furor sanandi, necessary for the parallelism between analytical relationship and friendship, glimpsed by excerpts from Ferenczi's Clinical Diary and a clinical excerpt from us. Finally, we establish parameters for understanding close management of aspects of friendship from the context of analysis and friendship between Freud and Ferenczi.

Keywords: Psychoanalytic clinic. Transference. Psychic inscription. Psychotherapy. Treatment.

* Psicólogo pela Universidade Paulista (UNIP). Mestre em Psicossomática pela Universidade Ibirapuera (UNIB). Doutorando em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor no curso de Psicologia da Faculdade Vanguarda de São José dos Campos e da pós-graduação Lato Sensu em Psicanálise, teoria e técnica da Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP). Membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi (GBPSF). São Paulo, SP, Brasil. marcos.psicologo91@yahoo.com

A prática da psicanálise incorre em um risco, enunciado em *Análise terminável e interminável* (FREUD, 1937/2006). Ao mencionar os três ofícios impossíveis – educar, governar e psicanalisar –, Freud aponta a dificuldade em exercer a psicanálise sem ceder-se às aspirações vaidosas do poder sobre o outro, bem como da admiração e idealização vindas do paciente.

Neste sentido as reflexões de Ferenczi são, em tempos atuais, constantemente evocadas para que possamos pensar nas possibilidades de execução de uma análise em meio aos obstáculos próprios do psiquismo do analista, dos aprisionamentos intelectuais nos contextos de formação, da realidade cultural de cada geografia e cada sujeito, e – não menos importante – na subjetividade do paciente, em um sentido de que a teoria e a técnica devem servir ao percurso do paciente, e não ao propósito de confirmar teorias já estabelecidas.

Reconhecido por Jacques Lacan como “o mais autêntico interrogador de sua responsabilidade de terapeuta” (LACAN, 1966/1998, p. 232), Ferenczi se ocupou por décadas em construir uma técnica conforme aos aspectos supracitados. Um de seus textos mais emblemáticos acerca desta discussão é *Elasticidade da técnica psicanalítica* (FERENCZI, 1928/2011), onde ele apresenta, ao final, a devolutiva crítica de um colega¹, que transcrevo a seguir:

“O título (Elasticidade) é excelente”, declarou este crítico, “e mereceria receber uma aplicação mais ampla, pois os conselhos técnicos de Freud eram essencialmente negativos. O que lhe parecia ser o mais importante era ressaltar o que não se deveria fazer, assinalar as tentações que surgiam na contracorrente da análise. Quase tudo o que se deve fazer de positivo, ele relegou ao tato que você mencionou. Mas o resultado assim obtido foi que os sujeitos obedientes não perceberam a elasticidade dessas convenções e se submeteram a elas como se fossem leis-tabus. Era preciso que isso viesse a ser revisto um dia, sem anular, evidentemente, as obrigações” (1928/2011, p. 41).

O tato, mencionado no trecho destacado, “é a faculdade de ‘sentir com’” (1928/2011, p. 31), a empatia, já tão comentada na revisão da teoria ferencziana. Por outro lado, vê-se que os aspectos positivos, ou seja, as ações por parte do psicanalista, embora estejam presentes cotidianamente em nossos consultórios, ainda são pouco comentadas. A advertência de Ferenczi de que “guardamos zelosamente para nós mesmos as lições que tiramos de nossas experiências com o objetivo de parecermos sábios e infalíveis aos olhos de

1. Trata-se de Sigmund Freud.

nossos pares” (1900/2022, p. 39), abre portas para pensarmos no medo acerca da confissão pública de nossos estilos próprios fora do sigilo das análises pessoais e supervisões, dado o poder dos pares, da comunidade psicanalítica, de sentenciar tais estilos como não psicanalíticos.

Na ousada clínica do psicanalista húngaro, o elemento mais comentado em suas últimas obras é a questão do acolhimento terno pela via da empatia; entretanto, uma passagem que merece especial atenção acerca deste estilo clínico é a constatação de que “esses neuróticos precisam é ser verdadeiramente adotados e de que se os deixe pela primeira vez saborear as bem-aventuranças de uma infância normal” (FERENCZI, 1930/2011, p. 77).

Recordo-me de uma sessão com um paciente, um rapaz jovem, à época, graduando em psicologia, e entusiasta da teoria ferencziana. Nossa transferência se construiu de forma bem descontraída e bem-humorada. Em dado momento ele me perguntou sobre a especificidade de um manejo inspirado em Ferenczi, e foi exatamente esta passagem, mencionada no parágrafo anterior, de “Princípio de relaxamento e neocatarse” que me ocorreu. Proporcionamos ao paciente as bem-aventuranças da infância que lhe foram roubadas. Entretanto, não é possível proporcionar tal situação permanecendo-se adulto. É claro que, até aqui, podemos vislumbrar traços característicos da clínica winnicottiana, do brincar em análise; entretanto, o estilo aqui comentado possui nuances próprias, como demonstro a seguir.

Empatia, bondade e *furor sanandi*

Como promover as bem-aventuranças de uma infância saudável? Esta é uma questão de milhões, como diria a sabedoria popular. Pela via da empatia é possível compreender que este fenômeno ocorre em nossas clínicas, pela simples constatação do percurso dos pacientes traumatizados que de alguma forma perlaboram suas experiências traumáticas. Entretanto, a descrição técnica é mais complexa. Em nota de 13 de março do *Diário Clínico*, Ferenczi declara:

Converto-me, de certo modo, num símbolo vivo de bondade e sabedoria, cuja simples presença curava e repunha as coisas em ordem. R. N.³ também dizia coisas desse gênero nos momentos de acalmia e no final das fases de luta. Inserir esse “curar” na

2. Compreendendo-se saudável como um substituto contemporâneo adequado ao adjetivo da normatização, utilizado no original de Ferenczi.

3. Sigla utilizada por Ferenczi em seu *Diário* para se referir a Elisabeth Severn.

psicoterapia de maneira que convém e no lugar certo não é certamente uma tarefa inteiramente indigna (1932/1990, p. 91).

Embora as pistas oferecidas pela descrição clínica sejam valiosas, o “curar” de Ferenczi foi, por muito tempo, questionado com base na crítica ao *furor sanandi* (FREUD, 1912/2006), a aspiração intensa e apaixonada pela cura, que pode levar o analista a um manejo equivocado.

Segundo Roizman (2023), o que está implícito neste furor é “uma forma obsessiva de amor na medida em que haveria uma necessidade de curar rapidamente” (p. 27), o que, em termos precisos, contrapõe-se à proposta de Ferenczi (1928/2011), que alerta “que a capacidade de exercer essa ‘bondade’ significa apenas um aspecto da compreensão analítica”, e acrescenta: “Antes que o médico se decida a fazer uma comunicação, deve primeiramente retirar por um momento sua libido do paciente e avaliar a situação com frieza: em nenhum caso deverá deixar-se guiar só por seus sentimentos” (p. 32).

Aqui encontramos um eixo norteador para os aspectos afetivos do analista em exercício da técnica, que pode ser considerado como um elemento constitutivo da empatia: a libido do analista, de fato, deve estar no paciente; entretanto, em momentos estratégicos, conforme exposto por Ferenczi no trecho anterior, ela deve ser retirada. Uma análise conduzida sem investir-se o paciente com seu interesse é uma análise sem vida; entretanto, não saber retirar este investimento em momentos estratégicos incorrerá no *furor sanandi*. Nunca se deve guiar só pelos sentimentos, considerando-se que eles também não podem estar excluídos da equação.

Neste sentido, se compreendermos o excesso de bondade, ou o *furor sanandi*, como este investimento contínuo, fica claro o como ele não converge com a empatia, o “sentir com”, visto que esta noção prevê uma postura dinâmica, que varia conforme os elementos da análise, sem permanecer-se em uma posição obsessiva. Quando Ferenczi nos fala, acerca de sua análise com R. N., que a simples presença de um verdadeiro símbolo de bondade é capaz de curar, em face à compreensão de que a bondade não se confunde com uma excessiva condolência, cabe interrogar-mo-nos sobre em que consiste esta “bondade” que cura pela presença.

A amizade e a legitimidade do analista

Nos diálogos de *A República*, Platão (2003) fala sobre as formas de poder no exercício da política. Jacques Rancière, filósofo francês, sistematiza a leitura

das estruturas de poder propostas por Platão em sete. Destas, quatro são concedidas pela condição de nascimento: “Esse é o poder dos pais sobre os filhos, dos velhos sobre os jovens, dos mestres sobre os escravos ou das pessoas bem-nascidas sobre os sem nada” (RANCIÈRE, 2014, p. 54); dois que se valem das condições da natureza: “dos mais fortes sobre os menos fortes” e “dos sábios sobre os ignorantes” (p. 54-55), e, por fim, o sétimo:

(...) um objeto estranho, um sétimo título para ocupar os lugares de superior e de inferior, um título que não é título e que, no entanto, como diz o ateniense, consideramos o mais justo: o título de autoridade de “amado dos deuses”, a escolha do deus do acaso, o sorteio, que é o procedimento democrático pelo qual um povo de iguais decide a distribuição dos lugares (RANCIÈRE, 2014, p. 55).

Estas classificações dialogam bem com os ofícios impossíveis que lemos em Freud anteriormente. Educar, governar e analisar constituem-se impossíveis, segundo Freud, pois “de antemão se pode estar seguro de chegar a resultados insatisfatórios” (1937/2006, p. 265). Isto se dá porque tais funções pressupõem a emancipação dos sujeitos cuidados, que não condiz com o gozo egoísta do exercício de qualquer poder. Do mesmo modo que Platão, via Rancière, fala-nos sobre uma autoridade legítima concedida pelos deuses, Freud fala em “pessoas de alta e rara perfeição” (1937/2006, p. 265) e Ferenczi fala em “gênios da psicologia” (1928/2011, p. 29), como sujeitos de alta virtude capazes de serem a exceção, e, portanto, tornarem-se legítimos executores dos ofícios impossíveis.

Por outro lado, para tranquilizar os corações sobre a compreensão desta tal excepcionalidade, Ferenczi declara que “Todos aqueles que não temem o esforço de seguir as instruções do mestre estarão em condições, mesmo que *não sejam gênios da psicologia*, de ganhar acesso às profundezas insuspeitas da vida psíquica de outrem, seja ela saudável ou doente” (1928/2011, p. 29, grifo nosso), e Freud alerta que “não devemos esquecer que o relacionamento analítico se baseia no amor à verdade – isto é, no reconhecimento da realidade – e que isto exclui qualquer tipo de impostura ou engano” (1937/2006, p. 265).

Assim como é um equívoco comum a confusão entre a clínica da empatia e uma condolência excessiva e prejudicial que pode manter o paciente em uma posição infantilizada, outro equívoco comum é entre a sorte dos espíritos excepcionais no exercício da psicanálise – e da docência e governo – e a perfeição, que resulta na postura hipócrita que não reconhece os próprios erros e

limites, imputando responsabilidades ao sujeito que se coloca sob nossos cuidados, o que é tão denunciado por Ferenczi em seus últimos anos de vida.

A excepcionalidade está muito mais relacionada a uma honestidade abnegada (FERENCZI, 1932/1990) do que à perfeição. Rancière revela que a autoridade legítima consiste em “uma superioridade que não se fundamenta em nenhum outro princípio além da própria ausência de superioridade” (2014, p. 56). Aqui, no próprio constatar das vivências de nossas clínicas, é possível chegar à conclusão de que, sim, existe uma “autoridade”, um “suposto saber”, algo que destaca a pessoa do analista de qualquer outro a quem o sujeito pudesse procurar para buscar socorro de suas angústias e acolhimento. Entretanto, não há gozo egoísta desta situação.

Avançando no *Diário* à nota de 13 de agosto, o psicanalista húngaro declara:

A psicanálise atrai os pacientes para a “transferência. A compreensão profunda, o grande interesse pelos detalhes mais íntimos da história de sua vida e pelos movimentos de sua alma serão, muito naturalmente, interpretados pelo paciente como as marcas de uma profunda amizade pessoal, até de ternura” (FERENCZI, 1932/1990, p. 246).

A importância da transferência no curso de uma análise, já é por consenso, fundamental, e já foi amplamente debatida. Todavia, Ferenczi nos chama a atenção para o tema da amizade via transferência. Esta passagem me faz lembrar de uma publicação do historiador Leandro Karnal, em sua página do Facebook, homenageando seu falecido analista, o italiano Contardo Calligaris. Leia-se um trecho da fala mencionada:

Ele me falava dos autores que estudei e que tinham dado aula a ele, como Barthes, Lacan e Foucault. Debates Santo Agostinho em Porto Alegre por horas. Fui seu paciente por anos. Parei de ir ao consultório porque viramos amigos e paramos de falar das minhas bobagens existenciais para tratar do Leopardo, de Lampedusa e da história de Milão e Veneza (KARNAL, 2021).

Aqui, por meio das palavras do paciente, é possível perceber como uma aliança de amizade pode resultar de uma análise. É claro que nenhum analista conseguiria o feito de tornar-se grande amigo de todos os seus pacientes com análises finalizadas, dadas várias questões práticas, como afinidades pessoais, círculos sociais e tempo. Entretanto, embora a amizade não seja um produto final comum a todas as análises, a qualidade da transferência pode ser vislumbrada acerca de similaridades com uma relação de amizade.

A relação com o paciente que mencionei no início deste texto, ao qual refletimos sobre o manejo como bem-aventuranças de uma infância saudável, possui certas peculiaridades que podem metaforizar esta proposição. Não raro, em muitas de suas sessões ele chegou com um sorriso no rosto, acomodou-se e me perguntou: “Fofoca?”. Este era um código nosso. Ele reservava certo tempo das sessões para me contar trivialidades da vida dele, sobre amigos, sobre a graduação, família, e outros assuntos. E eu o acompanhava com toda a receptividade que podia. Devo acrescentar que havia interesse meu em ouvi-lo, era agradável, tanto pela graça dos assuntos, quanto por nosso laço de confiança.

Após algum tempo, iniciávamos a “análise propriamente dita”. No dia em que o tema do manejo surgiu, lembro-me de ter formulado uma fala mais ou menos assim: “mas como nós fazemos com que uma criança possa ter as bem-aventuranças? Primeiramente, uma criança não brinca sozinha. Para viver as bem-aventuranças não basta que o analista performe a função de pai, por mais benevolente que este pai possa ser. Crianças brincam com outras crianças. Veja as nossas fofocas, por exemplo...”. Lembro-me de que ele ficou surpreso ao saber que as “fofocas” faziam parte do manejo. Podemos aqui, concordar com o menino da história narrada por Cláudio Thebas:

De imediato, um menininho levantou a mão. Nunca vou esquecer a cara dele. Gordinho, vermelho de vergonha, mas corajoso o bastante para não deixar a vergonha o impedir de perguntar:

“A gente pode brincar primeiro?”

Fiquei totalmente surpreso. Falei que “sim, claro!”, e emendei com outra pergunta:

“Por que você quer brincar primeiro?”

E então o pequeno mestre arrematou com uma enorme sabedoria:

“Porque depois que a gente brinca, a gente fica amigo” (THEBAS, 2019, p. 49).

O psicanalista como melhor amigo?

Usar a figura do amigo, ou talvez caiba dizer, do “melhor amigo”, para refletir o papel do psicanalista, pode causar estranhamento, vistas as tradições psicanalíticas mais ortodoxas. Por outro lado, cumpre-se dizer, com base na teoria,

que o estranhamento é sinal de um conteúdo recalcado que foi perturbado pelo estímulo apresentado (FREUD, 1919/2006).

O paralelismo entre elementos da amizade e a psicanálise supre a problemática entre possibilitar a confiança de brincar juntos e contar os segredos com a necessidade de acolhimento e proteção. Um verdadeiro amigo não se põe superior ao outro, mas está sempre disposto a acolher e a dispender seus conselhos. A verdadeira amizade também é uma relação de bondade, desejosa pelo bem-estar do amigo sem que se haja inveja ou controle de qualquer forma. Pensando-se nas sete autoridades propostas por Rancière, o lugar de amigo não é concedido pelo nascimento nem pela natureza.

Seria ele um presente dos deuses? O livro de Eclesiástico menciona: “Um amigo fiel é uma poderosa proteção: quem o achou, descobriu um tesouro. Nada é comparável a um amigo fiel: o ouro e a prata não merecem ser postos em paralelo com a sinceridade de sua fé” (BÍBLIA, *Eclesiástico*, 6, 14-15), o que demonstra a importância do tema da amizade mesmo no campo dos estudos religiosos. De todo modo, pensando-se nesta autoridade que não aspira pelo lugar de autoridade, a relação de amizade parece, a primeiro momento, ser uma boa resposta. Justificaria, inclusive, os experimentos clínicos de Ferenczi com as análises mútuas⁴ (1932/1990).

Todavia, Ferenczi não tardou em reconhecer dificuldades causadas pela mutualidade enquanto técnica. Em nota de 2 de outubro ele constata que “Quando a mutualidade foi alguma vez tentada em algum lugar, a unilateralidade deixa de ser possível – infecunda. A questão agora é: existe a necessidade de que cada caso seja um objeto de mutualidade? E em que medida?” (1932/1990, p. 262).

Bem sabemos que a mutualidade enquanto análise não deve ser praticada, não por excesso de pudor ou ausência de pessoalidade na relação analítica, mas sim por tratar-se de um espaço que é direcionado ao paciente como centro dos interesses. Por outro lado, os experimentos de Ferenczi trouxeram estas valiosas interrogações: existe a necessidade da mutualidade? E em que medida? Se em exame das obras do autor, e de nossas clínicas, fica claro que a resposta para a primeira questão é sim, dado que o interesse vivo em nossos pacientes inclui uma expressão de humanidade, de investimento que acarreta

4. A análise mútua foi um procedimento clínico experienciado por Ferenczi e relatado por ele em seu *Diário*. Consistia em permitir que os pacientes da análise mútua primeiramente conduzissem uma sessão de análise com o próprio Ferenczi, e após o fim desta sessão, a situação se invertia. A justificativa é de que alguns pacientes tinham suas resistências rebaixadas devido ao uso deste método.

uma certa mutualidade, a resposta para a segunda pergunta é difícil, e possivelmente relegada ao tato.

Deste modo, a situação analítica pode se inspirar na amizade, visto que esta prevê o lugar de acolhimento, diversão, sabedoria e horizontalidade; entretanto, sem beneficiar-se do gozo de uma via de mão dupla. Poderíamos pensar, como uma espécie de metáfora à psicanálise, um tipo de amizade, mas uma amizade abnegada.

Cabe destacar, à guisa do fim, a relação de amizade intensa entre Ferenczi e Freud, que fora seu analista⁵. E sobre esta função cumprida por Freud, Ferenczi, em carta de 17 de janeiro de 1930, expressa seu descontentamento:

O que lamentei, em particular, foi que, na análise, você não tivesse percebido em mim e levado à ab-reação os sentimentos e as fantasias negativos, parcialmente transferidos. É sabido que nenhum analisando, nem mesmo eu, com os meus numerosos anos de experiência adquirida com outros, consegue chegar a isso sem ajuda. Para tanto, foi necessária uma autoanálise deveras penosa efetuada posteriormente e de uma forma inteiramente metódica (1932/1990, p. 13).

A resposta de Freud, segundo Kupermann (2019, p. 36), “se sustenta em três premissas”, que podemos identificar na exposição do caso feita por Freud em *Análise terminável e interminável*:

O homem que fora analisado tornou-se antagonista do analista e censurou-o por ter falhado em lhe proporcionar uma análise completa. O analista, dizia ele, devia ter sabido e levado em consideração o fato de uma relação transferencial nunca poder ser puramente positiva; deveria ter concedido atenção à possibilidade de uma transferência negativa. O analista defendeu-se dizendo que, à época da análise, não havia sinal de transferência negativa. Mas, mesmo que tivesse falhado em observar certos sinais muito débeis dela – o que não estava inteiramente excluído, considerando o horizonte limitado da análise naqueles primeiros dias –, ainda era duvidoso, achava o analista, se teria tido o poder de ativar um assunto (ou, como dizemos, um ‘complexo’) simplesmente por apontá-lo, enquanto este não estivesse presentemente ativo no próprio paciente naquela ocasião. Ativá-lo teria certamente exigido, na realidade, um comportamen-

5. A análise de Ferenczi com Freud ocorreu em três semanas no ano de 1914, e em três semanas no ano de 1916, com duas sessões diárias, conforme nota de rodapé de “Análise terminável e interminável” (FREUD, 1937/2006, p. 237).

to inamistoso por parte do analista. Ademais, acrescentou, nem toda boa relação entre um analista e seu paciente, durante e após a análise, devia ser encarada como uma transferência; havia também relações amistosas que se baseavam na realidade e que provavam ser viáveis (FREUD, 1937/2006, p. 237).

As premissas destacadas por Kupermann, que o leitor atento pode identificar na fala de Freud, são: 1) a ausência de sinais claros de uma transferência negativa à época da análise; 2) o risco de comprometer a transferência utilizando-se de uma postura ‘inamistosa’ e 3) aspectos viáveis da relação na realidade externa à análise.

Independentemente da conclusão que se tome em referência à primeira justificativa de Freud, uma vez que cada um dos homens se posiciona à sua própria maneira; e da segunda, visto que se trata de uma conduta técnica que só pode ser observada presentemente na transferência e no contexto analítico, o terceiro motivo pode ser um sinalizador acerca do paralelismo entre amizade e relação analítica. Em *Recomendações aos médicos* Freud se refere a Ferenczi como o homem que “vale por uma sociedade inteira” (1914/2006, p. 43), visto que, à época, este era seu único colaborador na Hungria. Posteriormente, em 1913, Ferenczi fundou a sociedade psicanalítica de Budapeste, a qual presidiu até sua morte, o que foi muito importante para o progresso e para a história da Psicanálise.

Deste modo, na amizade entre Freud e Ferenczi, vemos aspectos da mutualidade de interesses na amizade, por Ferenczi, em extrair ensinamentos do mestre, e por Freud, no papel que Ferenczi tinha no avanço da Psicanálise, o que, conforme a teorização exposta sobre o papel do interesse de ambas as partes da dupla analítica, prejudica o desenvolvimento da análise. Contudo, mesmo em uma relação de amizade não abnegada, conforme a que se estabeleceu sobre o contexto analítico, por vezes é necessário que tratemos de assuntos difíceis, possivelmente com discordâncias, exaltações e palavras duras. É aí que a psicanálise, orientada pelas lentes de Ferenczi, se distancia da condolência excessiva.

Tramitação

Recebido 18/04/2024

Aprovado 10/02/2025

Referências

- BÍBLIA, A. T. Eclesiástico. In: *Bíblia Sagrada*. 25. ed. Tradução de Frei João José Pedreira de Castro. São Paulo: Editora Ave Maria, 2000.
- FERENCZI, S. (1900). *Dois erros de diagnóstico*. Rio de Janeiro: Razzah, 2022. p. 39-42. (Os primeiros pensamentos de Sándor Ferenczi: escritos pré-psicanalíticos).
- _____. (1928). *Elasticidade da técnica psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 29-42. (Obras completas Sándor Ferenczi, 4).
- _____. (1930). *Princípio de relaxamento e neocatarse*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 61-78. (Obras completas Sándor Ferenczi, 4).
- _____. (1932). *Diário clínico*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- FREUD, S. (1914). *A história do movimento psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 18-75. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).
- _____. (1919). *O estranho*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 237-276. (ESB, 17).
- _____. (1937). *Análise terminável e interminável*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 231-274. (ESB, 23).
- KARNAL, L. 30 de março de 2021. *Facebook*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=282843196622427&set=a.269807071259373>>. Acesso em: 16 abr. 2024.
- KUPERMANN, D. *Por que Ferenczi?* São Paulo: Zagodoni, 2019.
- LACAN, J. Intervenção sobre a transferência (1966). In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 214-227.
- PLATÃO. *A república*. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- RANCIÈRE, J. *O ódio à democracia*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- ROIZMAN, D. H. *Gaiata psicanálise*. São Paulo: Zagodoni, 2023.
- THEBAS, C. Depois que a gente brinca, a gente fica amigo. In: DUNKER, C. & THEBAS, C. *O palhaço e o psicanalista: como escutar os outros e transformar vidas*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.